



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Exc OK

~~A CULTURA SERGIPANA É CHAMA QUE TEIMA EM
MANTER-SE ACESSA.~~

DISCURSO PROFERIDO PELO
DEPUTADO MARCELO DÉDA (PT-SE),
NO PEQUENO EXPEDIENTE DA
SESSÃO DA CÂMARA DOS
DEPUTADOS DO DIA 06 DE MARÇO DE
1996.

CULTURA E LITERATURA EM SERGIPE: O
ENCONTRO DO SINGULAR COM O UNIVERSAL

Senhor Presidente,
Senhoras e Senhores Deputados,

O Estado de Sergipe, como sabem Vossas Excelências, é o menor estado da Federação em dimensão territorial. Entretanto, essa limitação geográfica jamais foi capaz de por fronteiras à criatividade e à inteligência do povo sergipano, cuja contribuição à cultura nacional é das mais ricas. Nomes como os de Tobias Barreto, Sílvio Romero, João Ribeiro, Manuel Bomfim, Carvalho Neto, Paulo de Carvalho Neto, Paulo Dantas, Joel Silveira, Mário Jorge Vieira e, mais recentemente, Francisco Dantas, entre outros, teimam em comprovar a saborosa tese do escritor, político e diplomata Gilberto Amado - outro talento sergipano compartilhado com o Brasil - de que "Sergipe é pequeno para não competir com a grandeza dos seus filhos."

A singularidade da cultura sergipana, a autonomia dos seus valores e a rica diversidade de sua cultura popular, aliados à trajetória do seu povo que, do litoral aos sertões, inventa com tenacidade, coragem, luta e alegria a sua própria história, tem sido a matéria prima utilizada pelos nossos artistas e intelectuais para produzirem obras de indiscutível valor artístico.

As raízes regionais mergulhadas na universalidade do drama humano, têm possibilitado o surgimento de uma literatura de excelente qualidade, preparada para oferecer uma contribuição vigorosa ao debate cultural do nosso país, tensionando os marcos estéticos dos movimentos que sacudiram o debate de idéias neste século. Talvez um dos melhores exemplos desse potencial possa ser encontrado na obra do escritor Francisco Dantas, especialmente os seus dois últimos romances "Coivara de Memórias" e "Os Desvalidos", este rapidamente transformado em objeto de culto por grande parte da crítica que percebeu ali a recuperação da literatura regional por um prisma de renovação temática e estética comparável à de grandes criadores do romance brasileiro como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa.

Permitam-me, ainda, Vossas Excelências que traga à colação outro exemplo: a obra do ficcionista simão-diense Paulo de Carvalho Neto, autor do hoje clássico e premiado romance "Meu Tio Atahualpa" que já conheceu alentado número de traduções e fez por



CÂMARA DOS DEPUTADOS

merecer um destacado lugar dentre as obras mais significativas da moderna literatura latino-americana.

Esse longo exórdio, Senhor Presidente, Eminentes Colegas, se faz necessário para devolver à memória nacional a real significação da cultura e particularmente da literatura sergipana. É que nos últimos anos a ausência de uma Política Cultural que seja digna desse nome tem se transformado, para lembrar Drummond, numa gigantesca pedra no caminho da nossa produção cultural. Num inexistente mercado editorial, a única possibilidade de levar ao prelo a obra dos novos escritores sergipanos é o custeio das edições pelo próprio autor. Não dispondo o romancista, contista, ensaísta ou poeta de recursos, corre o risco de morrer inédito. Não se tem notícia de que o Governo do Estado tenha em mente uma política editorial capaz de oferecer alternativas e de emular a produção cultural sergipana. Não se reclama aqui a participação de um Estado dirigista na Cultura que pretenda substituir a sociedade numa atividade em que a vocação instrumentalista e represora do poder político sempre produziu péssima obra, viciada pelos gostos e objetivos dos seus episódicos titulares. O que queremos é que os dirigentes dos organismos e agências culturais do nosso estado estabeleçam um diálogo com a sociedade e com a intelectualidade sergipana, no objetivo de produzir democraticamente uma formulação política que encontre o lugar e defina o papel do Estado na vida cultural sergipana, sem perder de vista o indispensável envolvimento do setor privado.

Não obstante as dificuldades, a inteligência sergipana teima em manter acesa sua chama. Não deixa de ser estimulante, pois, o testemunho de resistência encenado por nossos intelectuais. Agora mesmo, neste mês de fevereiro, foi lançado o livro de contos "Mulungu Desfolhado" de Vladimir Souza Carvalho. Juiz Federal, com uma obra jurídica respeitada publicada pelas melhores casas editoras do país, o itabaiense Vladimir Carvalho reencontra-se com a ficção no mesmo gênero no qual estreou em 1971, o conto. Reunindo trinta e três (33) contos, o livro de Vladimir se constitui em agradável aragem a oxigenar o mundo das letras sergipanas. Dono de um estilo preciso e conciso, marcado pelos períodos curtos e pela eficiência narrativa, Vladimir passeia por uma variedade temática e de pontos de abordagem, hora apostando na perspectiva psicológica facilitada pela narração em primeira pessoa, hora se pondo a respeitável distância, somítica de comentários, de modo a se apropriar do melhor modo possível do drama humano que registra, recriando-o em alguns momentos com a assumida mediação do fantástico e do inusitado.

As histórias falam de tudo; dor, revolta, alegria, esperança. E morte. Em vários contos percebe-se sua indefectível presença. Uma presença fatídica, violenta e inescapável e paradoxalmente discreta. Aliás, nos contos de Vladimir ela parece querer fugir de qualquer relevância, quase que buscando parecer inútil à trama, pois não liberta, não resolve, não promete, não abrevia. Existe somente: inexorável contraponto da vida. Ela está na ponta do sabre que tortura e mata o menino que, afinal, não roubou a cabra (O Suspeito). Lá está ela, pressentida, querida, buscada pelo velho Isidoro num inusitado



CÂMARA DOS DEPUTADOS

exílio na embaixada da morte, o cemitério (Saco Vazio), trazida, porém, por aqueles que não vêem razão no seu gesto. Olha ela lá, outra vez, aninhada na aliança que queima e estimula o ressentimento curtido, amolando a mágoa da mulher infeliz, mas, sobretudo, conduzindo os passos do cavalo que leva o marido bêbado ao cadafalso conjugal (A Aliança). E vejam-na, sobretudo, naquele conto que com justiça e acurado senso crítico o grande Jackson da Silva Lima classifica de “obra-prima” em sua apresentação, (O Pequeno Eucalipto). Ali ela se acumplicia com a felicidade incompreendida da mulher metamorfoseada, ansiosa pelo destino de flor. Ei-la travestida na voz do médico aconselhando que se lhe dê mais e mais espaço até que, finalmente, como um pequeno eucalipto, cumpra a mulher o seu ciclo e perfume o machado que lhe ceifará.

Em todas os contos, entretanto, Senhor Presidente, estão a nossa paisagem, os nossos tipos, a nossa fala, os nossos sonhos, o nosso jeito de lidar com a vida. Não como trincheiras de um regionalismo estéril, mas como veículos singulares para a realização de dramas humanos e exposição de temas universais.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados,

Não sou, como está fácil de perceber, um crítico literário, longe de mim a intenção de parecer um expert em cultura e muito menos em literatura. No máximo um leitor indisciplinado que, sem método, mas com muita paixão, busca encontrar para a literatura sergipana o espaço que ela está por merecer no cenário da cultura nacional. No entanto como representante do povo de Sergipe nesta Casa, creio ser de meu dever cobrar do governo do meu estado a imediata abertura de um debate que já está se ressentindo da demora. Um debate que sirva para estimular os nossos intelectuais e acordar a nossa sociedade para o desafio de conhecer e estudar a nossa cultura, criando os instrumentos políticos e sociais necessários à sua divulgação e à sua promoção, recuperando, dessa forma, respeito que o país sempre dedicou à nossa produção. Assim, quem sabe, autores como Vladimir Souza Carvalho, poderão, cada vez mais, fazer circular seu talento e enriquecer a nossa tradição cultural.

MARCELO DÉDA